

## Apresentação do Dossiê “Os desafios para uma sociedade democrática”

Geélison Ferreira da Silva<sup>1</sup>

Robert Bonifácio<sup>2</sup>

Gabriel Ávila Casalecchi<sup>3</sup>

Recebido em: 06/01/2024

Aprovado em: 20/02/2024

O presente dossiê, apresenta o mesmo tema do VI Encontro de Ciências Sociais no Norte de Minas, que foi realizado pelo Departamento de Política e Ciências Sociais (DPCS) da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) entre os dias 14 e 16 de agosto de 2023. Cabe ressaltar que o encontro e a Revista Argumentos são iniciativas do DPCS que visam fomentar e difundir o conhecimento científico em Ciências Sociais.

Nos últimos anos, a sociedade brasileira tem enfrentado desafios para a estabilização da sua democracia. Haja vista grandes protestos que ocorreram a partir de 2013, o impeachment da presidenta Dilma Rousseff em 2016, prisão de Luís Inácio Lula da Silva e a eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Apesar de a constituição de 1988 inaugurar um novo período democrático no país, com ampliação de direitos e garantias, e uma considerável estabilidade política desde a segunda metade da década de 1990

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Brasil. E-mail: [geelison.silva@unimontes.br](mailto:geelison.silva@unimontes.br) Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-8308-066X>

<sup>2</sup> Professor na Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil. E-mail: [robertbonifacio@ufg.br](mailto:robertbonifacio@ufg.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3071-2378>

<sup>3</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGPol) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil. E-mail: [gacasalecchi@ufscar.br](mailto:gacasalecchi@ufscar.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1637-0180>

até o final da primeira década do ano 2000, estes recentes acontecimentos têm colocado em xeque o processo de democratização, contribuindo com as chamadas crises da democracia.

Fatores como polarização política, discursos de ódio, desinformação, resistência à diversidade, aumento das desigualdades e da exclusão social, ataques às minorias e ao meio ambiente são alguns dos inúmeros desafios contemporâneos para que se alcance uma sociedade plenamente democrática. Apontar esses desafios e discutir caminhos para a reconstrução da democracia é, então, tarefa fundamental para as Ciências Sociais e merece atenção ainda mais especial da Ciência Política, cujo olhar torna-se proeminente no presente dossiê.

Se, por um lado, a década de 1990 e até mesmo a maior parte da primeira década do Século XXI é marcada pelo otimismo acerca da estabilidade e proliferação da democracia ao redor do mundo (HUNTINGTON, 1994), por outro, a partir de meados de 2015 ficou mais evidente um processo de crise das democracias. Haja vista, regressos autoritários e queda de indicadores democráticos de regimes até então considerados sólidos (EATWELL & GOODWIN, 2020; MOUNK, 2018; LEVITSKY, ZIBLAT, 2018; PRZEWORSKI, 2019).

A literatura que emergiu deste contexto expressa o sentimento geral de democracia ameaçada. Dentre as causas elencadas tem-se, associadas ao 1) arranjo e desempenho institucional – desigualdade; baixo desempenho das instituições representativas; crise econômica; corrupção; deficiência na segurança pública; reação à inclusão social, ao gerar sentimento de ameaça em grupos privilegiados; disseminação da internet e das redes sociais digitais e 2) às atitudes políticas – ampliação da adesão à ideologia e partidos de direita; radicalização política; polarização política; desconfiança interpessoal; desconfiança sobre as instituições (EATWELL & GOODWIN, 2020; GRAHAM & SVOLIK, 2020; MOUNK, 2018; LEVITSKY, ZIBLAT, 2018; PRZEWORSKI, 2019).

Este dossiê apresenta pesquisas e concepções amparadas por análises empíricas que ajudam a compreender estes fenômenos recentes sem, no entanto, deixar de considerar aspectos históricos e institucionais importantes. O dossiê está imerso num contexto de priorização da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) em debater a temática da democracia, uma vez que sucede à realização do VI Encontro de

Ciências Sociais no Norte de Minas, promovido pelo Departamento de Política e Ciências Sociais (DPCS) da instituição entre os dias 14 e 16 de agosto de 2023.

O dossiê se inicia com o artigo de Simone Viscarra, da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), que busca responder sobre quem representa politicamente o sertão brasileiro a partir de uma análise sistemática do processo de institucionalização e representação política partidária nas cidades de Juazeiro, Bahia, e Petrolina, Pernambuco. Se a crise da democracia é também uma crise de representação política, o artigo ajuda a compreender melhor a representação político partidária no sertão brasileiro, região ainda carente deste tipo de estudo, até mesmo para que seja possível aproximar-se de uma explicação do motivo de alguns locais conseguirem apresentar uma democracia mais vibrante, caso de Juazeiro – BA, enquanto outras são mais fechadas ou oligárquicas, caso de Petrolina – PE, de acordo com a autora.

O segundo artigo, de autoria de Robert Bonifácio e Cezar Santos, ambos da Universidade Federal de Goiás (UFG), também se debruça sobre aspectos político institucionais da democracia a nível subnacional. Os autores se referenciam em uma discussão clássica da democracia, especificamente a questão das coalizões políticas e da governabilidade, aliando à essa discussão dados sobre migração partidária na 19ª legislatura na Assembleia Legislativa de Goiás, em que destacam os papéis da fidelidade e da infidelidade partidárias. A pesquisa confirma que a governabilidade em níveis federativos subnacionais também depende da “cooptação” de parlamentares para que seja possível assegurar a aprovação dos projetos de interesse do governo. Para isso, foi necessário que o governador Ronaldo Caiado recorresse aos instrumentos que o governo dispunha para obter o apoio parlamentar. Isso foi realizado de forma tão bem sucedida que os autores chegam a ilustrar o fato com a expressão *“pacto homologatório” entre o Palácio das Esmeraldas e o Palácio Maguito Vilela, sede do Parlamento estadual*”.

O terceiro artigo é de autoria de Gabriel Avila Casalecchi e Victor Alberto Bueno Coelho, ambos da Universidade Federal de São Carlos (UFScar), e busca responder se os eleitores evangélicos são mais conservadores e autoritários do que os demais eleitores. Os autores ressaltam a importância de se analisar a associação entre democracia ou autoritarismo com a filiação religiosa. A pesquisa supera uma visão rasa e vigente sobre a questão a partir da análise de dados sobre o Estudo Eleitoral Brasileiro de 2022, onde

se comprova que os evangélicos são mais conservadores que os católicos, membros de outras religiões e ateus, porém, não são necessariamente mais autoritários. Tal resultado desperta certo alívio em relação à expansão do grupo dos evangélicos na sociedade brasileira e o eventual impacto deste fenômeno sobre a democracia do país no curto prazo, embora ressalte a importância de se considerar as nuances entre as denominações evangélicas.

O quarto artigo, “Participação social, Estado e direitos de minorias: a conformação democrática de políticas públicas para a população LGBTI+ no Brasil (1980-2020)” de autoria de Eder Rodrigo Gimenes, Universidade Estadual de Maringá (UEM), e Hebert de Paula Giesteira, Universidade Estadual de Londrina (UEL), trata de aspectos fundamentais para a democracia, tais como a participação, o *Rule of Law*, a tolerância e as políticas públicas direcionadas para grupos sociais minoritários. O artigo é importante inclusive por mostrar a evolução das políticas públicas de inclusividade no contexto democrático brasileiro. Tal ampliação da inclusão legal, política e social, como apontado pelos analistas da crise democrática, pode ter despertado a reação de grupos conservadores que se sentem ameaçados e que, assim, passam a questionar a legitimidade da democracia, ainda que conforme os resultados do artigo, exista baixíssima capilaridade conselhos LGBTI+ municipais e estaduais no Brasil, o que também é um desafio a ser superado.

O quinto artigo, “Determinantes do efeito *rally-round-the flag*: os casos de Trump, Orbán e Bolsonaro em meio à pandemia da Covid-19” tem como autores Rodolfo Marques, Universidade da Amazônia (UNAMA), e André Oliveira, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e mostra como que situações de emergência, como é o caso pandêmico, podem se tornar oportunidades para governantes com tendências autoritárias ampliar seus instrumentos de concentração do poder. O artigo mostra que a estratégia negociadora de Trump e Bolsonaro resultou em fracasso pelo elevado número de mortes decorrentes da pandemia e frustrou seus eventuais planos de erosão democrática das instituições, enquanto Orbán, adotando a postura de protetor da população sob o manto do Efeito *Rally-round-the-Flag*, ampliou ainda mais seus poderes executivos. Tal resultado demonstra que o enfrentamento às proposições científicas com posições que resultam em morte de cidadãos provocam perda de legitimidade de atores políticos, limitando assim a sua capacidade de ameaçar as democracias. Por outro lado,

líderes que percebem isso podem recorrer a situação emergencial para se perpetuar e ampliar seus poderes se distanciando ainda mais do regime democrático, caso de Orbán.

O sexto e último artigo, “Trumpismo à brasileira: o neoconservadorismo no discurso diplomático do governo de Jair Messias Bolsonaro”, de Enrique Carlos Natalino, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), Luís Fernando Baracho, Doutorando em Políticas Públicas (UFABC) e professor da Universidade São Judas, e Murilo Cassio Xavier Fahel, Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), traça um paralelo entre os posicionamentos de Donald Trump nos Estados Unidos da América (EUA) e de Jair Bolsonaro, no Brasil, especialmente na forma como ambos, enquanto presidentes em seus países, conduziram as suas políticas externas. Com Jair Bolsonaro o Brasil abdicou da sua autonomia, da sua identidade internacional e da sua liderança regional ao aderir acriticamente ao trumpismo e ao perfilar-se ao lado de lideranças autocráticas e isolacionistas como Benjamin Netanyahu, Vladimir Putin, Viktor Orbán e Tayyip Erdoğan. Tal posição também é um grande desafio para uma sociedade democrática brasileira, tendo em vista a abdicação da autonomia nacional.

Por fim, o dossiê traz a entrevista com José Fogaça, que teve extensa carreira política como prefeito de Porto Alegre, senador da república e deputado federal pelo Rio Grande do Sul, além de ser um quadro histórico do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e um compositor de músicas marcantes, como “Vento Negro” e “Porto Alegre é demais”. Na entrevista, Fogaça faz leituras críticas históricas sobre fatos políticos e tece comentários sobre os desenvolvimentos recentes da democracia brasileira, brindando os leitores com análises embasadas e com um posicionamento radicalmente democrático.

Este dossiê é diverso, abrangente e oportuno. Diverso por trazer artigos que tratam de aspectos sociais, atitudinais e institucionais da democracia brasileira. Abrangente por tratar desde arranjos políticos locais até a política externa. E oportuno por discutir o tema mais relevante e, lamentavelmente, mais atual da Ciência Política hoje, que é a crise da democracia. Por tudo isso, trata-se de uma grande contribuição dos autores e do entrevistado para as Ciências Sociais como um todo, para a Ciência política de forma específica, e para a própria democracia brasileira enquanto regime político. Tais contribuições foram asseguradas pela oportunidade oferecida pela Revista Argumentos, através do DPCS e de seu corpo editorial.

## Referências

EATWELL, Roger & GOODWIN, Matthew. Nacional-populismo: a revolta contra a democracia liberal. Rio de Janeiro: Record, 2020.

GRAHAM, M. H., & SVOLIK, M. W. Democracy in America? Partisanship, polarization, and the robustness of support for democracy in the United States. *American Political Science Review*, 2000, 114(2), 392–409.

HUNTINGTON, S. A terceira onda: a democratização no final do século XX. São Paulo: Ática, 1994.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MOUNK, Yascha. O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PRZEWORSKI, Adam. Crises da democracia. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.